

# EDUCAÇÃO E ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E DESENCONTROS

Maria José Sousa da Silva <sup>1</sup>  
Raniele Marques da Silva <sup>2</sup>

## RESUMO

O novo Coronavírus ou COVID-19 tem afetado a sociedade global em diversos aspectos, e não é diferente na educação. As mudanças provocadas no cotidiano escolar diante de um contexto de pandemia nos fazem refletir acerca da função da escola na sociedade frente à pandemia da COVID-19. Desta forma, este artigo objetiva analisar o papel da escola neste modelo de ensino remoto e na democratização do ensino, analisando a situação das aulas remotas que foram implantadas nas escolas públicas e privadas da cidade de Mari, na Zona da Mata paraibana. A pesquisa se baseou em obras que discutem o uso de tecnologias na educação e documentos, visto que ainda são poucas as bibliografias que abordam as aulas remotas. Portanto, a discussão aqui proposta parte de análise bibliográfica e da coleta de dados através de questionários enviados aos alunos e professores, principais afetados por este contexto. Através da análise dos dados e da discussão proposta, evidenciam-se as dificuldades que professores e alunos enfrentam neste momento de adaptação, no qual tiveram suas rotinas e atividades transformadas em função da necessidade do isolamento social. Fica evidente também o quanto a escola brasileira não se encontra preparada para um momento de crise, trazendo à tona a necessidade de um olhar mais atento a esse ambiente de produção de conhecimento por parte do poder público e dos pesquisadores.

**Palavras-chave:** Educação, Ensino remoto, COVID - 19, Tecnologias.

## INTRODUÇÃO

O novo Coronavírus ou COVID-19 tem afetado a sociedade de forma global, interferindo em todos os aspectos possíveis. Constata-se que este vírus trouxe uma realidade atípica para os vários setores sociais do final do ano de 2019 estendendo-se ao longo do ano de 2020. Além da busca pela contenção do vírus e das mortes provocadas por ele, os governantes ainda têm a responsabilidade de promover a população um mínimo de conforto e bem-estar, isso está relacionado ao acesso a bens básicos para o desenvolvimento humano.

Uma das grandes preocupações desse momento é a educação, preocupa-nos como vai ser a situação do processo de ensino-aprendizagem, as relações sociais pós pandemia, o

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [mariasilva.geo@gmail.com](mailto:mariasilva.geo@gmail.com);

<sup>2</sup> Pós-Graduada pelo Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [ranielemarques789@email.com](mailto:ranielemarques789@email.com).

desenvolvimento dos alunos, entre outras coisas. Uma alternativa adotada por instituições públicas e privadas em nosso país é o ensino por meio de plataformas virtuais, denominado por muitos como aulas remotas, utilizando-se de tecnologias para promover o ensino e seguir com os calendários de atividades letivas.

Diante dessa realidade, fica o questionamento: Como fazer/promover educação em tempos de pandemia? Será possível promover um ensino de qualidade através de aulas remotas? As aulas remotas contemplam de fato toda a sociedade ou seria mais um meio de promoção e evidência das desigualdades sociais em nosso país?

Este trabalho traz uma reflexão acerca do cotidiano escolar no presente momento, trazendo à tona a necessidade de refletirmos também acerca do futuro da escola após essa pandemia, em como a escola será afetada, como a sociedade verá a escola após a experiência das aulas remotas e a forma como a escola resistirá a todo o contexto em que foi exposta, sendo assim uma discussão fundamental para o atual contexto.

Diante do exposto, este artigo objetiva analisar o papel da escola neste modelo de ensino remoto e na democratização do ensino, analisando a situação das aulas remotas que foram implantadas nas escolas públicas e privadas da cidade de Mari, na Zona da Mata paraibana. Além do objetivo geral, também se pretende discutir aqui as dificuldades que professores, alunos e pais enfrentam nesse novo modelo de aulas; discutir as desigualdades de acesso e efetivação das aulas remotas sob a perspectiva das escolas públicas e privadas.

## **EDUCAÇÃO REMOTA NA ESCOLA BÁSICA**

Sabemos que muitas escolas e sistemas de ensino, sobretudo os de escolas privadas, adotam plataformas *online* como ferramenta complementar na educação básica, como mecanismos que integram as aulas presenciais, conforme permite a Lei de Diretrizes e Bases da Educacional Nacional, LDBEN (1996) quando discorre sobre a organização do ensino fundamental no artigo 32: "O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais", Art 32, parágrafo 4º da LDB/96.

Nas escolas públicas, a presença de tecnologias ainda é uma realidade pouco presente, visto que o investimento em educação, nos seus vários setores, ainda é muito aquém do que deveria para que pudéssemos ter um verdadeiro avanço na educação brasileira. Além da falta de infraestrutura das próprias escolas, ainda é necessário destacar que grande parte dos alunos

do nosso país não possuem acesso à internet e computador em casa, em muitos casos, nem mesmo celulares que lhes permita o acesso.

Conforme concorda Kenski (2012), a maioria das tecnologias utilizadas em sala de aula e no processo educativo da escola básica são instrumentos auxiliares, não são o objeto, nem a substância ou finalidade da educação. É fato que as tecnologias, por mais avanços que apresentem, nunca poderão substituir as relações sociais, o aprendizado por meio da interação pessoal entre os alunos na escola e os alunos com os professores.

Canário (2006) ao discorrer sobre o futuro da escola, aponta que vivemos o que convencionou chamar de “crise da escola”, crise esta que permeia diversos questionamentos, tais como: a função da escola na sociedade atual, o papel dos professores no processo de ensino-aprendizagem na era da informação, a desvalorização da escola e do trabalho docente frente aos avanços tecnológicos e o acesso fácil a informação. Esse momento de crise pandêmica nos traz novamente a esses questionamentos, evidenciando sobretudo a importância da escola e do professor para a formação da sociedade global.

A rapidez com que o cenário educacional mudou em meio a pandemia trouxe um contexto de incerteza e insegurança aos professores, escolas e alunos. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 70% da população estudantil do mundo foi afetada por este momento de instabilidade, tendo suas aulas suspensas e todo o calendário e planejamento dos vários sistemas de ensino alterados.

No Brasil, no mês de março de 2020, aconteceu a suspensão das aulas nos estados e municípios, nas redes pública e privada, na educação básica e também no ensino superior. Diante deste contexto, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) autorizou a utilização de aulas online nas várias modalidades de ensino, cabendo as instituições a reorganização dos calendários e da dinâmica de dias letivos, algumas escolas optaram pela alteração do calendário de férias, como é o caso das escolas na cidade de Mari, na esperança que a pandemia fosse breve e pudéssemos voltar à normalidade no mês seguinte, no entanto, a realidade se estendeu mais do que o previsto e as escolas de todo o país tiveram que organizar seus calendários e suas aulas diante de uma realidade de tantas incertezas e preocupações.

Os professores, profissionais mais afetados com o processo de aulas remotas, tiveram que adaptar todo o seu cotidiano para atender as novas necessidades da educação e de sua profissão docente. Sobre o papel dos professores ante a tais transformações, Libâneo aponta que estes,

assumem uma importância crucial ante as transformações do mundo atual. Num mundo globalizado, transnacional, nossos alunos precisam estar

preparados para uma leitura crítica das transformações que ocorrem em escala mundial. Num mundo de intensas transformações científicas e tecnológicas, precisam de uma formação geral sólida, capaz de ajudá-los na sua capacidade de pensar cientificamente, de colocar cientificamente os problemas humanos (LIBÂNEO, 2011, p. 03).

No entanto, cabe destacar que a realidade em questão chegou de surpresa para todos, os professores tiveram que adaptar todo o seu cotidiano e práticas para atender as demandas educacionais, sem uma formação adequada para lhes garantir o suporte necessário ao desenvolvimento das atividades desempenhadas neste momento.

Assim, surgem alguns problemas na dinâmica de aulas que são comuns nas diversas realidades da educação e por que não dizer que são comuns a realidade do país, são eles: problemas com manuseio das tecnologias necessárias, computador, internet ou mesmo os celulares, falta de disciplina no gerenciamento do tempo, falta de infraestrutura básica, sobretudo nas escolas públicas para promover aos professores e alunos o material necessário ao desenvolvimento das aulas remotas.

Diante desta realidade, ainda é fundamental destacar que os professores e alunos enquanto seres sociais, estão vivendo e sendo afetados por esse contexto de pandemia em diversos aspectos, não apenas o educacional. Assim, é necessário se preocupar com tais indivíduos para além do cotidiano escolar, mas também pensar no pós-pandemia, que profissionais e alunos estarão de volta ao ambiente escolar quando tudo isso passar, sobre esse pensamento, Tiffin e Rajasingham ressaltam que:

Estamos todos inextricavelmente interconectados em um ambiente global de informações que nos traz uma consciência global e, com ela uma responsabilidade global por um desenvolvimento sustentável, pela busca de soluções para a poluição, a pobreza, as pandemias e as mudanças climáticas, assim, como pela aprendizagem de como viver juntos (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 25).

É certo que o pós-pandemia trará novas formas de pensar a escola, seu cotidiano e a profissão docente, ratificando questões já outrora discutidas, como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), mas também trará uma profunda reflexão sobre o real papel do docente na sociedade, uma vez que vivemos um contexto de grande desvalorização desse profissional.

## **A EDUCAÇÃO E O USO DE TECNOLOGIAS**

A relação da escola e do professor com as tecnologias ainda é bastante confusa e conflituosa, sobretudo nas instituições públicas. Essa realidade se deve a diversos fatores, conforme já foi abordado anteriormente, contudo, não podemos negar a presença cada vez mais frequente de instrumentos tecnológicos no ambiente escolar e a necessidade de utilização desses instrumentos na sociedade globalizada.

É fundamental ponderarmos os impactos do uso das tecnologias em sala de aula, no cotidiano escolar, e essa reflexão não é nova, desde as décadas de 1980 e 1990 que se discute acerca do uso de computadores e internet nas escolas, além do uso de outros instrumentos que datam de tempos mais remotos ainda, tais como o rádio e a tv. Corroborando com essa reflexão, Barbosa afirma que:

O debate sobre os impactos sociais das TIC no sistema educacional não é recente e tem alimentado o fortalecimento de uma agenda para as políticas públicas no campo da educação. Inicialmente focados no provimento de infraestrutura de acesso, os programas de fomento ao uso das TIC no âmbito escolar têm como ponto de partida uma expectativa de profundas mudanças nas dinâmicas de ensino-aprendizagem – sobretudo na busca pela transformação das práticas pedagógicas e por um aumento do desempenho escolar. (BARBOSA, 2014, p.27)

Para tanto, é fundamental lembrarmos que esse debate e a introdução de tecnologias na educação e no cotidiano escolar não acontecerão de forma instantânea, existem uma série de fatores que precisarão ser pensados antes disso acontecer, tais como a infraestrutura das escolas, a capacitação dos profissionais para seu uso e mesmo a instrução dos alunos, e acima disso tudo, a reflexão da necessidade e da colaboração que tais instrumentos podem de fato ter na educação.

No contexto atual, vivemos uma situação atípica, em que o uso do computador (ou celular) e da internet se tornaram fundamentais para o cotidiano escolar, a sala de aula foi substituída pelas salas virtuais, a presença física deu espaço a imagem em telas, o contato humano trocado pelas vídeoconferências ou vídeoaulas. Tudo isso sem que as escolas, alunos e professores pudessem se preparar. Um momento em que, além da preocupação com a vida e saúde, os alunos, professores e demais profissionais da educação também precisam se preocupar em cumprir horários, metas, e tudo o que envolve os regulamentos escolares.

A reflexão acerca da função social da escola e sua importância tem sido alvo de vários debates *online*, por meio de *lives*, reuniões em vídeoconferência etc. Tem-se refletido no ambiente escolar para além da produção de conhecimento, mas como ambiente de formação cultural, compartilhamento de experiências e lutas sociais, conforme concorda Subirats.

A comunidade-escola não pode ficar reduzida a uma instituição reprodutora de conhecimentos e capacidades. Deve ser entendida como um lugar em que são trabalhados modelos culturais, valores, normas e formas de conviver e de relacionar-se. É um lugar no qual convivem gerações diversas, em que encontramos continuidade de tradições e culturas, mas também é um espaço para mudança. A comunidade-escola e a comunidade local devem ser entendidas, acreditamos, como âmbitos de interdependência e de influência recíprocas, pois [...] indivíduos, grupos e redes presentes na escola também estarão presentes na comunidade local, e uma não pode ser entendida sem a outra (SUBIRATS, 2003, p.76).

Diante desse cenário, a escola e a educação são convocadas a uma reflexão prospectiva acerca de seus valores, conceitos e funções sociais. É evidente a importância da escola neste momento, esta situação em que profissionais e alunos são privados do ambiente e das experiências proporcionadas pela escola, desta forma, acreditamos e esperamos numa valorização a tudo que a escola e a profissão docente representam para a nossa sociedade.

A escola e a educação foram vistas, durante muito tempo, como oportunidades de ascensão de uma classe social para outra, conforme concordam Arroyo (2003) e Canário (2006). No entanto, os mesmos autores discutem o verdadeiro sentido da educação em nossa sociedade contemporânea, na qual há uma clara desvalorização dos diplomas e um aumento cada vez mais significativo do desemprego. Conforme concorda Rui Canário, “a desvalorização dos diplomas, na medida em que diminui a sua rentabilidade no mercado de trabalho, aumenta os níveis de frustração de uma maioria social que mantém com a escola uma relação fundada na “utilidade” dos estudos”, (Canário, 2006, p. 78).

Neste cenário de pandemia, o questionamento é sobre a escola que teremos após essa crise, a escola que vai ser (re) existência diante de uma precariedade no modelo de ensino remoto e na desvalorização do trabalho docente. Pois o modelo de escola voltado para o desenvolvimento, para a ascensão social e para o progresso já não estão mais tão presentes nas expectativas e anseios dos nossos jovens e adolescentes.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento da discussão aqui apresentada, foram feitos questionários e aplicados em três escolas da cidade de Mari - PB, duas públicas (uma estadual e uma municipal) e uma escola privada. Os questionários foram destinados aos professores e alunos das instituições, que não terão sua identificação revelada para salvaguardar a identidade delas

e dos colaboradores que prontamente responderam aos questionários. Os questionários destinados aos alunos foram respondidos por estudantes do ensino fundamental anos finais (6º ao 9º ano), com o objetivo de atingir um público de idades semelhantes nas três escolas.

Além dos questionários, também foi enviado aos colaboradores um esquema de palavra nuvem (*word cloud*) do site mentimeter.com. Neste esquema, os alunos e professores colocaram em três palavras o que pensavam da educação nesse tempo de pandemia, o que gerou uma nuvem com as principais palavras apontadas pelos participantes. Ao todo, participaram da pesquisa 155 pessoas, sendo divididos em: 32 professores e 123 alunos que responderam ao questionário, destes mesmos sujeitos, os 32 professores também responderam a palavra nuvem e apenas 57 dos 123 alunos responderam ao esquema, porém, considera-se uma participação satisfatória, diante do que será exposto.

Como a situação aqui abordada é uma novidade em nossa sociedade, não há uma vasta bibliografia sobre o termo aulas remotas, por isto recorremos aqui a discussão utilizando o termo com base nas experiências pessoais, documentos oficiais e nas experiências relatadas nos questionários. Desta forma, buscamos artigos e livros que abordam questões acerca da formação e atuação docente no contexto das TICs, documentos e sites oficiais para embasar as informações aqui discutidas.

Este trabalho é fruto das discussões do grupo de pesquisas da Universidade Federal da Paraíba, o Grupo de ensino e pesquisas na educação geográfica - GEPEG, que discute problemáticas acerca da educação e do ensino da Geografia. Nesse período de pandemia, o grupo também teve que se adequar ao sistema online e a cada encontro se discutia os impactos dessa pandemia na educação. Também é fruto das nossas experiências enquanto professoras da educação básica na cidade de Mari, na rede privada e ensino, bem como dos depoimentos de colegas da escola pública, surgindo assim o interesse de aprofundar a problemática através deste artigo.

## **ENSINO REMOTO: REALIDADE E REFLEXÕES**

Conforme exposto anteriormente, para o desenvolvimento deste artigo, foram elaborados e aplicados questionários com alunos e professores da educação básica. Os questionários foram enviados para os colaboradores via internet e apresentam questões objetivas, com o intuito de traçar um panorama da realidade vivida por alunos e professores nesse contexto de educação.

Enviamos os questionários a professores e alunos de três escolas da cidade de Mari, localizada na zona da mata paraibana. As escolas escolhidas apresentam um público semelhante, do ponto de vista das séries, para facilitar a análise, com oferta de educação básica de ensino fundamental anos finais (6º ao 9º ano).

Ao todo, contamos com a colaboração de 32 professores, visto que nem todos os que receberam aceitaram responder, além disso, alguns profissionais trabalham em mais de uma das escolas ou até mesmo nas três. Destes 32,17 (53,1%) são professores das escolas públicas e 15 (46,9%) da escola privada. Os alunos que responderam ao questionário foram 123, contando das três escolas também. Divididos em 63 (52,5%) alunos da escola privada e 57 (47,5%) das escolas públicas, totalizando 120 respondentes para a resposta quanto a instituição em que estudam (nem todos os alunos marcaram uma opção nesta questão).

Além do questionário, também foi pedido aos professores e alunos o preenchimento de um esquema de palavra nuvem (imagens 1 e 2), para uma reflexão dinâmica do que mais chama atenção e os afeta nesse cenário educacional. Os 32 professores responderam a palavra nuvem e 57 alunos também responderam ao esquema.

As palavras apontadas pelos professores e alunos nos permitem fazer uma análise acerca das principais dificuldades que eles estão enfrentando neste momento de educação remota. As palavras mais apontadas aparecem em destaque, nos dando uma noção de quais dificuldades são apontadas pela maioria dos respondentes, conforme poderemos observar a seguir.

Imagem 1: Pergunta chave enviada aos professores e alunos



 **Mentimeter**

Utilizando três palavras, como você definiria a educação nesta época de pandemia?

Enter a word 25

Enter another word 25

Enter another word 25

You can submit multiple answers

**Submit**

Fonte: arquivo pessoal, 2020.





dois segmentos. Analisaremos algumas respostas destinadas aos professores e alunos para uma reflexão posterior.

Foi perguntado aos professores e alunos se estes já haviam trabalhado de forma remota antes deste contexto atual, dos docentes, 86,7% responderam que nunca havia trabalhado de forma remota, enquanto que 86,9% dos alunos também afirmaram que nunca tiveram aulas neste modelo.

Quando questionados se o isolamento social os havia afetado de alguma forma (física, psicológica, financeira etc), 100% dos professores afirmaram que sim, enquanto que apenas 51,6% dos alunos afirmaram que sim e 48,4% que não. Do ponto de vista físico e psicológico, os mesmos apontaram questões como distúrbios no sono, na alimentação, dificuldades para estabelecer horários e rotinas. Do ponto de vista financeiro, muitos pais e familiares dos alunos perderam seus empregos e alguns professores de instituições particulares perderam suas vagas, porque as instituições não conseguiram manter o pagamento do corpo docente.

Quando questionados se os docentes e discentes de consideravam preparados para as aulas remotas, 76,7% dos professores afirmaram que não e apenas 23,3% respondeu estar preparado para este momento. Quanto aos alunos, 74,6% afirmaram que sim e apenas 25,4% afirmaram que não, embora na prática as dificuldades evidenciem que este número é bem maior. Esses dados demonstram maior familiaridade dos alunos em relação as tecnologias do que dos professores, uma vez que os jovens se encontram imersos cotidianamente no mundo digital.

Os professores foram questionados acerca do suporte dado pela escola para o desenvolvimento das atividades, dos 32 respondentes, 30 marcaram a esta questão da seguinte forma: 23,3% afirmou que a escola fornecia suporte, 23,3% afirmou que não e 53,3% afirmou que a escola não possui condições de fornecer o suporte necessário a esse momento da educação, evidenciando a falta de infraestrutura de muitas escolas em nosso país.

Os docentes também foram questionados se consideravam as aulas remotas um modelo que alcança todos os alunos e 96,7% dos professores afirmaram que não, enquanto 3,3% afirmaram que sim. É praticamente unânime a opinião de que o modelo atual de educação não contempla todos os alunos, sobretudo nas escolas públicas.

Quando questionados acerca da eficácia do processo de ensino-aprendizagem neste modelo de educação, 82,8% dos professores afirmaram que não consideram um modelo eficaz de ensino-aprendizagem e 17,2% afirmaram que sim. Já os alunos, 57,4% afirmaram conseguir aprender bem neste sistema remoto, 32,8% afirmaram apresentar dificuldades de aprendizagem e 9,8% não souberam opinar.

Também questionamos aos respondentes acerca do tempo destinado as atividades remotas e 70% dos professores afirmaram estar trabalhando bem mais, visto que muitos alunos os procuram a qualquer hora para tirar dúvidas e enviar atividades, outros 26,7% afirmaram não estar conseguindo gerenciar o tempo, concordando que além do horário das aulas remotas, postagem de atividades e produção de conteúdo, os professores ainda disponibilizam tempo extra para dar assistência aos alunos, e apenas 3,3% afirmaram conseguir gerenciar bem o tempo de trabalho.

Ainda sobre este questionamento, 34,4% dos alunos afirmaram não conseguir gerenciar tempo de estudos, 29,5% afirmaram que conseguiram montar horários de estudos e cumpri-los, 14,8% afirmaram que estão estudando mais que o normal, visto que são mais atividades postadas diariamente e 21,3% não respondeu a essa questão.

Conforme exposto, são muitas as dificuldades apontadas pelos alunos e professores, tanto no que diz respeito ao manuseio de tecnologias, ao tempo destinado as atividades ou mesmo ao processo de ensino-aprendizagem. É notório que as escolas e seu público não estavam preparados para este momento, muito menos para o tempo para o qual ele vem se estendendo.

A forma como se deu a instauração do ensino remoto, sem um planejamento prévio, sem discussão acerca de sua aplicação, sem uma preparação dos profissionais envolvidos, sobretudo os mais interessados, os professores, trouxe consigo uma série de dificuldades que evidenciam a falta de preparação do sistema educacional brasileiro, sobretudo em momentos de crise como este.

Vivemos um contexto em que o professor teve que readaptar, reinventar sua prática de ensino, seu ambiente de trabalho, seu tempo e toda a sua agenda de trabalho para atender as novas demandas educacionais. Os alunos de todas as idades, alguns com pouco ou nenhum entendimento real do que estamos vivendo, viram suas rotinas de estudo adaptadas ao modelo remoto, necessitando estudar sozinhos ou com algum familiar, interagindo com o professor através da tela algumas vezes na semana.

O ensino remoto impõe a necessidade do manuseio de tecnologias, o que requer um conhecimento básico acerca do funcionamento de aparelhos, tais como computadores e celulares, bem como do acesso à internet. A discussão acerca do uso de tecnologias no ensino não é nova, podemos consultá-la em Cavalcanti (2002), Libâneo (2011), Kenski (2012), entre outros. Essa discussão quase sempre está atrelada a falta de preparação dos docentes para o uso das tecnologias e a real função dessas no processo de ensino-aprendizagem, e neste atual contexto não é diferente, principalmente pelo fato de que cada professor trabalha em sua

própria casa, buscando meios de aprender a manusear as tecnologias sozinho ou com pouca ajuda, sem o suporte da escola.

No atual cenário, em que todo o processo de ensino se dá por meio de tecnologias, nos vem os questionamentos: Como os professores estão conseguindo lidar com essa realidade? De que forma estes profissionais, muitos formados há vários anos, estão conseguindo atender as novas exigências educacionais? Como acontece, na realidade, o processo de ensino-aprendizagem? Existe aprendizagem?

Não é nossa intenção aqui dar respostas a todas estas perguntas, mas promover uma reflexão acerca delas e da forma como essa adaptação da escola ao contexto da pandemia e a instauração do ensino remoto realmente contribuem ou não para a formação dos alunos, possibilitando assim o desenvolvimento de pesquisas futuras que possam aprofundar as discussões aqui propostas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme proposto, essa breve discussão teve o objetivo de refletir o contexto da educação diante deste período de pandemia, identificando os principais desafios dos professores e alunos nesta realidade. Desta forma, foi exposto que passamos por um período de incertezas e adaptações, no qual o professor, aluno e a escola como um todo precisaram reinventar práticas e o seu cotidiano.

Professores e alunos tiveram suas funções deturpadas pelo novo formato de ensino remoto, as tecnologias agora ocupam o espaço que antes era ocupado pelas relações sociais, o diálogo agora é através das telas, a troca de informações, os questionamentos (quando ocorrem) é por meio de *chats* e plataformas.

Desta forma, professores acabam se configurando como produtores de atividades, conteúdos e vídeos exigindo que a sua função vá além do planejamento pedagógico, pois agora também é necessário que o docente tenha conhecimentos básicos sobre edição, postagens etc.

Os alunos que antes tinham o apoio do professor e dos colegas no desenvolvimento das atividades, agora precisam se adequar as atividades online, com o acompanhamento dos pais (quando estes conseguem dar suporte), muitos sem nenhuma condição de dar conta de toda a carga de atividades que recebem semanalmente, isso quando estes alunos possuem acesso à internet.

O ensino remoto reforça não apenas a fragilidade da escola neste momento de crise, mas também a fragilidade do Estado em promover ensino de qualidade, dos órgãos públicos responsáveis de promover igualdade no acesso aos meios para a educação. Não considerando as especificidades de cada escola, de cada lugar do nosso país. Pois as medidas adotadas em todo país servem apenas para evidenciar as desigualdades socioespaciais que vivenciamos no Brasil.

Por fim, a reflexão aqui proposta evidenciou a necessidade da discussão e do posicionamento deste tema a partir dos principais sujeitos envolvidos, alunos, professores e pesquisadores, na expectativa de dar voz aos sujeitos da educação e promover o combate as condições precárias de trabalho em meio a uma situação atípica como esta. Reiteramos a importância da pesquisa e discussão, as quais evidenciam as lutas nos diversos espaços para a promoção de educação de qualidade, um ensino reflexivo e que garanta o mínimo de igualdade nas condições de acesso.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. A escola é importantíssima do direito à educação básica. In: COSTA, Marisa V. (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 125-160.

BARBOSA A. F. (coord). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2013. 2014.** Disponível em [http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_DOM\\_EMP\\_2013\\_livro\\_eletronico.pdf](http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf). Consultado em 14/05/2020

BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020a.** Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>> acesso em: 14 jul. 2020.

BRASIL. **Parecer do Conselho Nacional de Ensino/ Conselho Pleno (CNE/CP) nº 5, de 28 de abril de 2020b.** Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192)> acesso em: 14 jul. 2020.

CANÁRIO, Rui. A escola: das “promessas” às “incertezas”. **Educação Unisinos**. V. 12, N. 2, mai-ago., 2006. p. 73-81.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papyrus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SUBIRATS, J. “**Educação: responsabilidade social e identidade comunitária**”. In: GÓMEZ-GRANELL & VILA (org.). **A cidade como projeto educativo**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.67-83.

UNESCO. **Educação: da interrupção à recuperação**. Notícia de 26/05/2020. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>> acesso em: 30 de ago. de 2020.